

O MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: DEFINIÇÕES, MODALIDADES E PAPÉIS

Márcio Luiz Corrêa VILAÇA (UNIGRANRIO)

Resumo

Este artigo discute definições, modalidades e papéis dos materiais didáticos no ensino de línguas estrangeiras. O objetivo deste trabalho é proporcionar melhor compreensão sobre o que seja um material didático. Embora este artigo focalize predominantemente no ensino de línguas estrangeiras, algumas das discussões aqui realizadas poderão contribuir para outras áreas, especialmente o ensino de língua materna.

Palavras chave: material didático, ensino, línguas estrangeiras, livro didático

INSTRUCTIONAL MATERIALS IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING: DEFINITIONS, FORMS AND ROLES

Abstract

This article focuses on discussions on definitions, forms and roles of instructional materials in foreign language teaching. It aims at providing a better understanding about what instructional materials are. Although this paper concentrates on foreign language teaching, some of the discussions and considerations may contribute for other fields of study, mainly mother tongue teaching.

Keywords: instructional materials, teaching, foreign language, coursebook

1. Introdução

Este artigo discute os materiais didáticos com especial foco em definições, nas modalidades de materiais didáticos e em papéis atribuídos aos mesmos na literatura. As discussões aqui realizadas concentram-se predominantemente nos materiais didáticos de ensino de línguas estrangeiras. No entanto, algumas considerações e discussões neste trabalho podem contribuir para outras áreas, inclusive língua materna.

O objetivo básico deste trabalho é proporcionar uma compreensão do que seja um material didático e discutir sua importância no processo pedagógico. Além disso, o artigo traça um breve perfil de estudos e pesquisas envolvendo materiais didáticos, proporcionando indicações bibliográficas úteis para interessados no tema.

Convém fazer duas considerações importantes. Primeiramente, a bibliografia adotada neste trabalho não está restrita a publicações no campo de ensino de línguas estrangeiras. Em segundo lugar, as discussões não se restringem ao livro didático.

2. Um olhar sobre os materiais didáticos

Apesar da sua importância central no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, os materiais didáticos são foco de um número ainda pequeno de estudos e pesquisas, conforme apontam Sheldon (1988), Ellis (1997), Coracini (1999b), Salas (2004) e Tomlinson e Masuhara (2005). Com maior frequência, os materiais didáticos são brevemente discutidos em capítulos de livros (NUNAN, 1995; BROWN, 2001; HARMER, 2003; McDONOUGH & SHAW, 2003; por exemplo) e em artigos (CHIARETI, 1996; TOMLINSON, 2005; TILIO, 2008, por exemplo).

Faz-se pertinente salientar o fato de ser ainda pequeno o número de livros que discutem o material didático com maior profundidade como ocorre,

por exemplo, em Coracini (1999), Cunningsworth (1995), Tomlinson ([1998] 2004a), Tomlinson e Masuhara (2005).

Autores apontam para a necessidade de mais pesquisas sobre os materiais didáticos (MATOS, 1976; SHELDON, 1988; ELLIS, 1997, COOK, 1998; MCDONOUGH & SHAW, 2003; TOMLINSON [2001] 2004a¹; SALAS, 2004; TOMLINSON & MASUHARA, 2005), em especial sobre a elaboração dos mesmos. Interesses e objetivos editoriais por trás dos mesmos fazem com que as pesquisas sobre elaboração de materiais sejam muitas vezes sigilosas, elaboradas para grandes editoras.

3. Pesquisas e publicações sobre materiais e livros didáticos

A maior parte dos trabalhos sobre materiais didáticos em livros sobre ensino-aprendizagem de língua estrangeira discute critérios para a análise e avaliação dos livros didáticos (WILLIAMS, 1983; NUNAN, 1995; ELLIS, 1997; CUNNINGSWORTH, 1995; BROWN, 2001; LEITE, 2003; LITTLEJOHN, 2004; MALEY, [1998] 2004). Outra discussão recorrente envolve orientações e discussões sobre a adaptação dos livros didáticos (CUNNINGSWORTH, 1995; HARMER, 2003; MALEY, [1998] 2004; SALAS, 2004; TOMLINSON & MASUHARA, 2005). Há ainda trabalhos nos quais os materiais didáticos são discutidos, de forma secundária, partindo da elaboração e avaliação de tarefas, atividades e técnicas de ensino (NUNAN, 1990; BROWN, 2001, por exemplo) e da elaboração de cursos (DUBIN & OLHSTAIN, 1986, por exemplo).

É importante reconhecer, no entanto, que, nos últimos anos, o assunto parece ter despertado maior interesse e preocupação de autores e pesquisadores. Este fato pode ser exemplificado pela discussão dos materiais didáticos em publicações e pesquisas realizadas nos últimos dez anos (CORACINI, 1999a; CRISTÓVÃO, 2001; YAKHONTOVA, 2001; TOMLINSON, [1998] 2004a; LEFFA, 2003; LEITE, 2003; TILIO, 2006 e 2008; ARANTES, 2008; FREITAS, 2008, entre outros). No entanto, este aumento ainda parece

¹ Este tipo de referência indica imprecisão ou diferenças entre as datas indicadas de edição e reimpressão da obra. Em geral reimpressões são idênticas à edição em questão, mas ocasionalmente pode haver pequenas diferenças, inclusive de paginação.

bastante tímido, especialmente se levarmos em consideração os múltiplos papéis dos materiais didáticos no processo de ensino/aprendizagem e os diferentes sentimentos, reações e expectativas que estes despertam em professores e alunos.

Outra constatação que merece menção é a predominância das discussões com foco nos livros didáticos. Em outras palavras, a maior parte das publicações prioriza ou concentra as discussões nos livros didáticos. Diversos autores apresentam vantagens e desvantagens do seu uso de livros didáticos (HOLDEN & ROGERS, 2002; HARMER, 2003; UR, 2001 SPRATT et al, 2005; FREITAS, 2008).

4. Definições de materiais didáticos

Merece atenção a carência ou pouca visibilidade de definições para materiais didáticos nos trabalhos que os discutem. A experiência indica que alguns professores apresentam dificuldade na compreensão do que seja um material didático e de quais os parâmetros que possibilitam a categorização de uma atividade, um material ou livro como material didático. Este fato revela uma questão importante: *afinal, o que é um material didático?*

Tomlinson ([1998] 2004c: xi) define como material didático “qualquer coisa que ajude a ensinar aprendizes de línguas”. Esta definição permite entender que o material didático depende, portanto, de um professor, uma vez que cabe primordialmente, na maioria dos contextos, ao professor a tarefa de ensinar línguas. Este caráter restritivo de dependência do material em relação ao professor é, no entanto, desconstruída em outras publicações do autor (TOMLINSON, 2003 e [1998] 2004d; TOMLINSON & MASUHARA, 2005).

Em trabalho posterior, Tomlinson ([2001] 2004f: 66) define o material didático como “qualquer coisa que possa ser usado para facilitar a aprendizagem de uma língua”. Dessa forma, é possível compreender que a função mais ampla do material didático é auxiliar a aprendizagem/aluno e, conseqüentemente, auxiliar o ensino/professor.

É necessário reconhecer que as duas definições apresentadas até aqui correm o risco de ser muito amplas e gerais. No entanto, as definições são de

grande importância para a compreensão da existência de formas variadas de materiais didáticos, o que ultrapassa a concepção restrita de livros didáticos e materiais publicados como as únicas formas de materiais didáticos.

Salas (2004, p. 2), de forma similar a Tomlinson, define os materiais como “qualquer coisa empregada por professores e alunos para facilitar a aprendizagem”.

Embora seja inegavelmente reconhecida a estreita relação entre ensino e aprendizagem, as duas definições, se levadas em consideração literalmente, apresentariam diferenças. Na definição de Tomlinson ([2001] 2004f), os materiais seriam instrumentos mais diretamente a serviço dos professores, ao passo que a definição proposta por Salas (2004) indicaria os materiais a serviço tanto de professores e dos alunos. Faz-se pertinente salientar que as relações entre os materiais, os professores e as tarefas/conteúdos de ensino são dinâmicas, influenciando-se continuamente, conforme discutido em Holden & Rogers (2002), Harmer (2003) e Malley, ([2001] 2004) e Freitas (2008).

As definições apresentadas permitem compreender que os livros didáticos, juntamente com resumos, tarefas, CD-Roms, vídeos, CDs, exercícios fotocopiados elaborados pelo professor, entre outras possibilidades, são, portanto, formas ou modalidades de realização e emprego de materiais didáticos (TOMLINSON, [2001] 2004b; SALAS, 2004).

5. O lugar de destaque dos livros didáticos

Com grande frequência os livros didáticos são vistos – ou pelo menos indiretamente tratados - como o material didático por excelência, tanto na área de Linguística Aplicada quanto na Educação como um todo. Isto se deve ao fato de o livro ser a modalidade de material didático mais discutida na literatura (CUNNINGSWORTH, 1995; CORACINI, 1999a; HOLDEN & ROGERS, 2002; TOMLINSON & MASUHARA, 2005; TILIO, 2008, entre outros). Fato este que se justifica por ser o livro didático o instrumento pedagógico mais presente nas

salas de aula de línguas estrangeiras (HOLDEN & ROGERS, 2002; FREITAS, 2008).

Outro fator que pode contribuir para o foco nos livros didáticos é a publicação por uma editora. A publicação, dentro desta possibilidade, conferiria ao livro o *status* de material didático. Embora o papel prestigiado do livro didático, retratado nas discussões teórica e nas pesquisas, seja perfeitamente compreensível, devido ao seu amplo emprego, é preciso cuidado para que isto não promova uma compreensão estreita sobre o que seja um material didático.

O foco predominante nos livros didáticos pode contribuir para que as demais modalidades/formas de materiais didáticos sejam compreendidas como auxiliares, secundárias ou adicionais. Uma das consequências negativas desta compreensão poderia a ser o menor nível de preocupação na análise, na avaliação e na seleção de outras modalidades de materiais didáticos.

Apesar do foco nos livros didáticos, como forma privilegiada de material didático em pesquisas e publicações, Coracini afirma que:

...como o ensino-aprendizagem de línguas tem sofrido, de uma maneira ou de outra, a influência do LD², era de se esperar que os linguistas aplicados lhe concedessem um espaço grande nos seus estudos e nas revistas da área. Cabe lembrar aqui que, não raro, o(s) livro(s) didático(s) corresponde(m) à única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos...

(CORACINI, 1999b, p.17)

A pesquisadora, no mesmo trabalho, relata a sua surpresa ao pesquisar revistas brasileiras mais antigas na área de linguística aplicada e se deparar com “a escassez de artigos que se propõem, de fato a analisar o livro didático” (CORACINI, 1999: p.18).

Com base na preocupante constatação da pesquisadora, é possível considerar que, além de ser pequena a quantidade de pesquisas sobre o assunto, estas ainda apresentam baixo nível de visibilidade e acessibilidade acadêmicas, o que contribui para menor probabilidade de interação entre pesquisadores e autores e de maior dificuldade para revisões bibliográficas.

² Sigla empregada pela autora para livro didático.

Convém apontar o interesse de autores em discutir e analisar os papéis dos livros didáticos com foco em questões como cultura (KRAMSCH, 1988; TÍLIO, 2002) e ideologia (CORACINI, 1999c; FARIA, 2008).

6. Papéis dos materiais didáticos

Conforme foi discutido anteriormente, a função básica de um material didático é auxiliar o processo de ensino/aprendizagem (DUBIN & OLSHTAIN, 1996; HARMER, 2003; SALAS, 2004; TOMLINSON, [1998] 2004c, TÍLIO, 2008, entre outros). Convém, neste caso, questionar o significado do verbo *auxiliar*. Embora não seja possível definir um sentido único para *auxiliar*, o emprego da palavra parece indicar que os materiais didáticos devem contribuir de formas variadas para que a aprendizagem seja bem-sucedida e, se possível, rápida, prazerosa e significativa.

No que se refere ao livro didático, a literatura apresenta papéis mais específicos. Trataremos aqui de alguns destes papéis. Neste sentido, é importante destacar que embora a discussão focalize mais diretamente as funções do livro didático, considero que muitos dos papéis atribuídos ao livro didático se estendem para outras modalidades de materiais didáticos.

Cunningsworth (1995, p. 7) defende que o livro didático tem “múltiplos papéis”:

- ✓ Recurso para a apresentação de materiais (falado e escrito)
- ✓ Fonte de atividades para prática do aluno e interação comunicativa
- ✓ Fonte de referência para os alunos sobre gramática, vocabulário, pronúncia, etc
- ✓ Programa de ensino
- ✓ Recursos para uma aprendizagem autodirecionada ou trabalho de auto-acesso
- ✓ Suporte para os professores menos experientes que ainda precisam adquirir confiança

Partindo dos papéis apresentados por Cunningsworth, algumas questões merecem maior discussão.

Não há dúvidas quanto ao papel de apresentador de conteúdos – primeira função de Cunningsworth. Questiona-se, no entanto, a capacidade de apresentação dos conteúdos, tanto em termos qualitativos (profundidade, qualidade, confiabilidade, entre outros) quanto em termos quantitativos (diversidade, amplitude, seleção de conteúdos). Afinal, todo material apresenta limitação de quantidade e profundidade de informação e conteúdos. Dessa forma, professores e alunos não devem esperar ou imaginar que todo o conhecimento necessário para uma disciplina ou um curso esteja contido do livro didático. Em termos práticos, isto significa que o professor deve avaliar constantemente a necessidade e as possibilidades de complementar ou aprofundar os estudos sobre os tópicos e conteúdos, assim como complementar as práticas pedagógicas.

A possível idealização do material didático, em especial do livro didático, que acaba por conferir autoridade (SOUZA, 1999a) ao mesmo, conduz a críticas e insatisfações, ao reconhecer que muitas vezes o material didático deve ou precisa ser complementado ou adaptado (HARMER, 2003; SALAS, 2004; SPRATT et al, 2005).

Passando ao segundo papel apresentado por Cunningsworth (1995) - fonte de atividade para a prática do aluno e interação comunicativa-, vale retomar a necessidade de limitação do livro didático. Em outras palavras, o autor de um livro didático precisa estabelecer o que deve ou não ser abordado em um livro. Visto que os livros didáticos apresentam limitações, é comum o emprego de materiais de outras naturezas, tais como CD-ROM, exercícios fotocopiados, vídeos, músicas, entre outros, de forma a complementar ou enriquecer as práticas pedagógicas (HOLDEN & ROGERS, 2002). Assim, conforme apresentado no parágrafo anterior, outras formas de materiais didáticos podem e, em muitos contextos, devem ser empregadas de forma harmônica com o livro didático para auxiliar a aprendizagem.

No caso mais específico do ensino de línguas estrangeiras, esta prática de emprego de diferentes materiais de forma complementar é bastante comum, fato que fica evidenciado até mesmo nos componentes de um livro didático³.

³ Muitos materiais didáticos são compostos por livros do professor, livro do aluno, livro de exercícios, livro de atividades em vídeo, CD, CD-ROM, portfólio, entre outras possibilidades. Além disso, é comum o emprego de forma auxiliar de gramáticas,

Enquanto fonte de referência (CUNNINGSWORTH, 1995), autores reconhecem que, no ensino de línguas estrangeiras, há uma grande valorização de materiais elaborados e produzidos em países na qual a língua-alvo é falada como língua materna (HOLDEN & ROGERS, 2002; TILIO, 2008). Esta concepção é perigosa e, de certa forma preconceituosa, uma vez que possibilita a construção e transmissão de uma visão segundo a qual os materiais publicados por editoras nacionais ou desenvolvidos por professores não-nativos da língua-alvo seriam de qualidade inferior. Particularmente, já vivenciei e testemunhei situações nas quais a admiração e a preferência por materiais importados ficaram evidentes em falas e comportamentos de alunos, professores e responsáveis por cursos. A visão do falante nativo como autoridade linguística e modelo a ser seguido parece se esconder nesta concepção.

Uma das principais conseqüências práticas desta adoção preferencial por materiais importados é a maior probabilidade de incompatibilidade entre contextos, objetivos e recursos de aprendizagem. Outra questão que merece ser mencionada é a generalização da cultura do aluno-alvo. No caso do ensino da língua inglesa no Brasil, é possível que haja reforço desta relação de autoridade, uma vez que a língua-alvo é considerada como língua de primeiro mundo e o aluno-alvo vive no terceiro mundo. Assim, conforme apontado em Coracini (1996c), os livros didáticos podem contribuir para a transmissão de ideologias vigentes.

A relação entre livros didáticos e programas de ensino é bastante estreita (DUBIN & OLSHTAIN, 1986; CUNNINGSWORTH, 1995; SHELDON, 1988; HARMER, 2003; SALAS, 2004). Salas (2004, p. 3) afirma que o livro didático e o programa de ensino constituem a espinha dorsal de um curso de línguas. A autora chama atenção para o fato de que muitas vezes o próprio material constitui o programa de ensino. Partindo da discussão proposta pela autora, é possível considerar que, em certos casos, o material didático não apenas representa o programa, mas desempenha o papel de método de ensino.

dicionários e materiais que focalizam habilidades específicas como produção textual (*writing*), compreensão auditiva (*listening*)

Sheldon (1988) destaca que o livro didático é a coração visível de um programa de ensino de língua inglesa. Não é raro ouvir que o método é o livro e que basta que o professor siga o livro para estar de acordo com o método.

Esta prática colabora para a metáfora da regência do livro discutida em Souza (1999b, p. 94 e 95) e Freitas (2008). As pesquisadoras apontam que, em alguns contextos, espera-se que o professor atue de forma semelhante a um regente, condutor ou controlador do livro didático. Reforçando esta posição, Holden e Roger (2002) afirmam que o livro didático é a forma de material que mais influencia os professores.

O penúltimo item apresentado por Cunningsworth (Recursos para uma aprendizagem auto-direcionada) refere-se à construção de uma aprendizagem autônoma, defendida também por Nicolaidis e Fernandes (2003), entre muitos outros.

“Essa preocupação com o desenvolvimento do aprendizado autônomo é particularmente importante, considerando-se que estaremos desenvolvendo, então, o aprender a aprender, suporte para um melhor resultado da aprendizagem não só na área de línguas, mas em diferentes campos de conhecimento.”

(NICOLAIDES & FERNADES, 2003: 48)

7. Considerações finais

Este artigo buscou discutir e propor reflexões sobre os materiais didáticos no ensino de línguas estrangeiras, com especial atenção a definições de materiais didáticos e papéis desempenhados pelos mesmos. A bibliografia aqui empregada oferece a professores e interessados em materiais didáticos a possibilidade de aprofundamento teórico. Em artigos futuros pretendo abordar, entre outros aspectos, a avaliação e o desenvolvimento de materiais didáticos, uma vez que estes tópicos requerem discussões que ultrapassam o escopo deste trabalho.

No campo de ensino de línguas estrangeiras, é necessário reiterar a necessidade de um número maior de pesquisas e publicações sobre materiais didáticos, devido à importância destes no processo de ensino/aprendizagem.

8. Referências Bibliográficas:

ARANTES, J. E. O livro didático de língua estrangeira: atividades de compreensão e habilidades no processamento de textos na leitura. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

CHIARETTI, A. P. A performance do diálogo no livro didático de inglês. IN: PAIVA, V. L. M. O. Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências. Belo Horizonte: Pontes Editores, 1996.

COOK, V. Relating SLA research to language teaching materials. *Canadian Journal of Applied Linguistics*, V1, N1-2, 1998.(9-27)

CORACINI, M. J. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999a.

CORACINI, M. J. O livro didático nos discursos da Lingüística Aplicada e da sala de aula. In: CORACINI, M. J. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999b. p. 17-26.

CORACINI, M. J. O processo de legitimação do livro didático na escola de ensino fundamental e médio: uma questão de ética. In: CORACINI, M. J. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999c. p. 33-43.

CORACINI, M. J. O livro didático de língua estrangeira e a construção de ilusões. In: CORACINI, M. J. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999d. p. 105-124.

CRAWFORD, J. The role of materials in the language classroom: finding the balance. IN: RICHARDS, J. C. & RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

CUNNINGSWORTH, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.

DUBIN, F.& OLSHTAIN, E. *Course design: developing programs and materials for language learning*. Cambridge: CUP, 1986.

ELLIS, R. The empirical evaluation of language teaching materials. *ELT Journal* Volume 51/1 January 1997.

FARIA, A. L. G. Ideologia no livro didático. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KRAMSCH, C. The cultural discourse of foreign language textbooks. In: SINGERMAN, A. (Ed.). *Toward a new integration of language and culture*. Middlebury, VT: Northeast Conference on the Teaching of Foreign Languages, 1988. p. 63-88.

HARMER, J. *The practice of English language teaching*. Third Edition. Essex: Longman, 2003.

HOLDEN, S.; ROGERS, M. *O ensino da língua inglesa*. 2 ed. São Paulo: SBS Editora, 2002.

LEFFA, V. J *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: Educat, 2003.

LEITE, T. A. A seleção do material didático para o ensino de língua inglesa. Dissertação de Mestrado em Educação. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2003.

MALEY, A. Squaring the circle – reconciling materials as constraints with materials as empowerment. IN: TOMLINSON, B. (ed) [1998]. *Materials development in language teaching*. Cambridge: CUP, 2004.

MASUHARA, H. What do teachers really want from coursebooks? IN: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004.

MATOS, F. G. *Linguística aplicada ao ensino de inglês*. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1976.

MC DONOUGH, J. & SHAW, C. *Materials and methods in ELT: a teacher's guide*. Oxford: Blackwell, 2003.

NICOLAIDES, C. & FERNANDES, V. Autonomia: critérios para a escolha de material didático e suas implicações. IN: LEFFA, V. *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: Educat, 2003.

NUNAN, D. *Language teaching methodology: a textbook for teachers*. Nova York e Londres: Phoenix ELT, 1995.

OLSON, D. On the Language and Authority of Textbooks. In: CASTELL, S.; LUKE, A.; LUKE, C. (Eds.). *Language, Authority and Criticism: Readings on the School Textbook*. London: The Falmer Press, 1989. p. 233-244.

RICHARDS, J.C. Materials development and research- Making the connections. Paper presented at a colloquium on research and materials development- TESOL Convention, San Antonio, March, 2005. Disponível em <http://www.professorjackrichards.com/pdfs/materials-development-making-connection.pdf> . Data de acesso: 25/04/09.

SALAS, M. R. English Teachers as Materials developers. *Actualidades Investigativas en Educacion*. Vol. 4. N. 2, 2004.

SOUZA, D. M. Autoridade, autoria e livro didático. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999a. p. 27-31.

SOUZA, D. M. Livro didático: arma pedagógica? In: CORACINI, M. J. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999b. p. 93-103.

TILIO, R. C. Cultura, livro didático e ensino de língua estrangeira. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

TILIO, R. C. *O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva: culturas, identidades e pós-modernidade*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 2006.

TILIO, R. C. O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. IN: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Volume VII. Número XXVI. Jul/Set 2008.

TOMLINSON, B. Developing Materials to Develop Yourself . *Humanising Language Teaching*. Year 5; Issue 4; July 2003.

TOMLINSON, B. (ed). *Materials development in language teaching*. [1998] Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004a.

TOMLINSON, B. Glossary of basic terms for materials development in language teaching. IN: TOMLINSON, B. (ed).[1998] *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004b. p.viii – xiv

TOMLINSON, B. Introduction. IN: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004c. p.1-24

TOMLINSON, B. Comments on Part B. IN: TOMLINSON, B. [1998] (ed).*Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004d. p.146-148

TOMLINSON, B. Conclusions. IN: TOMLINSON, B. (ed) [1998]. *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004e. p. 340 – 344

TOMLINSON, B. Materials development. IN: CARTER, R.; NUNAN, D. *Teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge, 2004f.

TOMLINSON, B. Glossary of basic terms for materials development in language teaching. IN: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004b. p.viii – xiv

TOMLINSON, B. Introduction. IN: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004c. p.1-24

TOMLINSON, B. Preface. IN: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Cambridge: CUP, 2004a.

TOMLINSON, B. The future for ELT materials in Asia. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*. Vol.2 No. 2 pp: 5-13, 2005.

TOMLINSON, B. Materials development. IN: CARTER, R.; NUNAN, D. *Teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge, 2004f.

TOMLINSON, B. & MASUHARA, H. E *Elaboração de materiais para cursos de idiomas*. São Paulo: SBS Editora, 2005.

UR, P. *A course in language teaching*. Cambridge University Press, 1996.

WILLIAMS, D. Developing criteria for textbook evaluation. *ELT Journal*, Oxford, vol. 37, n. 3, p. 251-255, 1983.

WIRIYAKORUN, P. Designing task-based materials to promote learner autonomy in the classroom. *rEFLECTIONS*. Vol 5, 2003.

YAKHONTOVA, T. Textbooks, contexts and learners. *English for Specific Purposes*, Ann Arbor, vol. 20, p. 397-415, 2001.